

a partir da eletricidade e dos fios eletrônicos que a conduzem até aos mapas. Esta cartografia representa então a transformação da matéria prima da cidade em linhas fronteiriças, em separações entre regiões, em criação de distâncias e coordenadas entre estas, e também em certas hierarquias. O quadrado vermelho assinalado nos mapas delimita uma região dentro do território que poderá estar afetada ou ser considerada como um “corpo sem órgãos”<sup>35</sup>.

Na parede lateral esquerda da galeria, apresenta-se a “máquina do fogo” (fig. 69). Esta é composta por vários fragmentos de peças mecânicas e por três *protoboards* que fazem um conjunto de leds funcionar. Uma das *protoboards* contem 20 leds da cor “branco quente” que estão acesos continuamente. Nas outras duas, os leds piscam alternadamente, parecendo um processo aleatório, mas que está programado pelo sistema de condensadores e do integrado que dão um tempo de iluminação a cada led. Numa destas *protoboards*, existe uma combinação de 24 leds (amarelos e vermelhos) que piscam freneticamente, e na outra 6 leds vermelhos apresentam uma combinação de uma iluminação mais rápida e outra mais pausada: 3 destes leds estão continuamente a piscar enquanto que os outros vão-se iluminando com interrupções mais espaçadas entre eles (fig. 70). A pretensão de colocar estes elementos pertencentes à classe dos diodos no campo da electrónica consiste no facto de querer não só dar ritmos diferentes ao movimento fictício da máquina, como também usar uma forma de introduzir a cor neste mecanismo que representa o fogo presente nesta cidade. Tal como nas outras máquinas, esta também apresenta uma estrutura em vários fios electrónicos ligados ao seu mecanismo que se vão conectar a mapas que imaginariamente obedecem às ordens da máquina. Estes são como que uma representação da combinação de cores que os leds podem gerar. Ou seja, esta é uma máquina que imaginariamente se serve deste composto de leds para gerar o elemento do fogo (já que estes pequenos componentes também geram algumas radiações relacionadas com este elemento como o UVA e UVB), e são estes que vão decidir como estas radiações distribuem a cor gerada na atmosfera da “Mapland”. Os desenhos são influenciados pelas fotografias que tirei no Leblon ao pôr do sol<sup>36</sup>. Na análise destas imagens deparei-me com a variação de cores que o sol criava na atmosfera daquele lugar. Consequentemente, comecei por criar gráficos de cores, com formas geométricas, que representam certos momentos do pôr sol. No mundo

---

<sup>35</sup> (ver capítulo Jardim Botânico – Corpo sem Órgãos)

<sup>36</sup> (ver capítulo Leblon – Dois Irmãos)

imaginário desta cidade, estes gráficos são formados a partir da transmissão de radiações que os leds comportam, daí as cores deles serem muito parecidas às de que os leds apresentam (figs 71 e 72). Estes mapas estão distribuídos pela parede de uma maneira menos rigorosa e linear comparativamente às cartografias das outras máquinas. Ligam-se entre si por fios electrónicos e também apresentam dentro do seu conjunto dois mapas reais mas desatualizados. Apesar de estes serem mapas reais (do nosso mundo) são praticamente ilegíveis devido à sua erosão pelo uso e ao facto de conterem linhas e traços semi apagados que se cruzam entre si criando desta forma uma sistematização do território.

Na parede da entrada da galeria, está inscrito a grafite a mesma frase que intitula a peça exposta no Centro Cultural Municipal Sérgio Porto: “There's not some other world where everything's gonna be ok. There is just this one. Just this rock.” Esta frase reforça a afirmação da verdade que a cidade reivindica, tal como na obra da segunda exposição deste projeto, apesar de nos ser apresentada através de um sistema completamente disfuncional. Este sistema exhibe cartografias falsas, máquinas com um funcionamento ilógico e um mundo que vive através de regras incongruentes, apesar de se apresentarem com aparência muito rigorosa e metódica, como se fizessem parte de uma ciência auto-convencida da sua veracidade. “Mapland” é um mundo que vive à parte do nosso acreditando ser o mundo real, e por ser tão dogmático nas leis que opera, acaba por formar uma “pedra” de onde já não se pode sair, pois tudo o que está fora dela não existe.